Dados da Entrevista com o Entrevistado Nº 02

Data da entrevista: 05/08/2024

Entrevistadora: Explique a atividade que você desenvolve com biojóias junto às comunidades em parceria com o Poloprobio? Como concebe que são biojóias e há outro tipo de produto também desenvolvido com sua parceria?

Entrevistada 02: Meu nome é (...), minha formação é em design de produto. Atualmente, eu estou à frente da marca Seiva Amazon Design, que foi uma marca que nós criamos em 2021, a convite do Presidente da POLOPROBIO, e da Vice-Presidente, para que eu assumisse a gestão, a atividade, o direcionamento da produção, da criação, do processo de qualidade das biojóias feitas em borracha natural. Então, desde 2021, na verdade um pouquinho antes, mas eu considero desde 2021, a gente vem empreendendo nesse negócio, tratando a produção da biojóia como um negócio, e as nossas biojóias elas são produzidas nas comunidades que a gente realizou capacitação desde 2018, são mais de 10 comunidades, mas efetivamente produzindo atualmente são 5, em alguns municípios do Pará.

Entrevistada 02: E aí a nossa produção assim é descentralizada, que é o nosso desafio, a gente ensinou elas a trabalhar com essa matéria-prima que elas já trabalhavam, mas focando na produção das biojóias feitas em látex. As biojóias elas são concebidas com alguns métodos. Pela minha formação em design, a gente trabalha com coleções, seguindo metodologia de criação, fazendo pesquisa de mercado, pesquisa de tendência, inclusive atualmente a gente esteve no Inspira Mais, captando as tendências de segmento de acessórios de moda.

Entrevistada 02: Então, a gente sempre tá ligado. E como é que eu trabalho no coletivo? A gente funciona mais como uma direção criativa, porque todas as artesãs têm um processo criativo próprio que a gente tem que respeitar e incentivar o desenvolvimento. Então, a gente coloca na mão delas algumas ferramentas de criação mesmo e faz todo um incentivo de, no momento das capacitações, elas se sentirem livres para criar e a gente vai ajudando elas a resolver a questão das montagens, para ficar tudo bem acabado, a manter a qualidade estética.

Entrevistada 02: Agora, tem um ponto que é muito importante no processo criativo que a gente respeita bastante, que são as composições de cores. É muito nato das artesãs que a gente trabalha uma pureza estética, uma pureza de composição de cores que a gente traz para o trabalho respeitando bastante e incentiva muito, porque é delas, é o viés artístico de cada uma. Então, hoje eu consigo olhar para uma biojóia e dizer isso aqui foi criado, foi produzida, criada pela fulana, porque eu conheço já a estética de cores dela.

Entrevistada 02: Isso é muito interessante. Sobre a pergunta se eu consigo biojóias, outros produtos com outras parcerias, esse projeto da Borracha, eu iniciei com o Poloprobio, como consultora, em 2018, para ensiná-las a montar. Até então, eu trabalho exclusivamente com a Borracha, com o Poloprobio, em parceria com o Presidente, com a Vice-Presidente.

Entrevistadora: Como começou a atuar com esta atividade nas comunidades?

Entrevistada 02: Agora, eu sou consultora em design de produto, com foco no artesanato e em moda, em acessórios, que é a minha especialização. Eu trabalho para outras instituições também, com outras matérias-primas, com outras técnicas artesanais, sempre enfatizando a cultura amazônica. A minha atuação com o artesanato e, consequentemente, com comunidades tradicionais aqui no nosso estado e em outros estados da Amazônia, o meu interesse por esse caminho dentro do design ele já nasceu dentro da universidade, quando eu ainda era estudante de design.

Entrevistada 02: Nós tivemos algumas disciplinas voltadas para o desenvolvimento de produtos com referência na cultura amazônica, e aí eu me interessei bastante e fui me aprofundando nesse sentido. Também tem aí uma herança, digamos assim, de experiência de memória, de experiência de vida, trazida pelo meu pai, que ele atendia as aldeias indígenas e ele trazia muito material, que ele ganhava muitos objetos artísticos indígenas. E aí eu cresci convivendo com isso e fui também me apaixonando por esse universo.

Entrevistada 02: Quando eu entrei na universidade, no curso de design, acho que para mim foi muito natural caminhar por esse caminho. E assim, devido ao meu interesse nesse tipo de atuação, alguns convites para fazer estágio, para participar de alguma oficina com materiais naturais foram surgindo e aí eu fui caminhando nesse sentido. Meus primeiros estágios foram em fabricação de biojóias com materiais recursos naturais em 2022, numa fábrica que abasteceu para o Brasil todo e exportou bastante biojóias.

Entrevistada 02: E depois disso a gente ingressou no Sistema Sebrae para prestar consultoria para esse público, pequenos empresários, associações de artesãos. Também o Museu Emílio Goeldi convidou a gente para participar de projetos. Uma coisa foi acontecendo atrás da outra e foi se tornando a minha especialidade de atuação, que é uma atuação muito voltada para a cultura, muito voltada para o ser humano, respeitando os saberes da nossa região, o tempo da nossa região.

Entrevistada 02: E até hoje o meu escritório é especializado nesse tipo de atendimento para o design de produto artesanal amazônico. Como eu disse, é uma atuação diferenciada, principalmente nessa questão criativa. É muito diferente a gente atuar com design de produto dentro de uma comunidade e dentro de uma pequena empresa.

Entrevistadora: Como são desenvolvidos os designs das biojóias? A comunidade participa? Há incorporação de aspectos do ambiente ou cultura local? (se sim, por gentileza, dê exemplos).

Entrevistada 02: Dentro de uma pequena empresa a gente obedece a lógica prioritariamente do mercado, da tendência, da moda, do consumo. E quando a gente trabalha com uma comunidade que tem todo um saber tradicional, que tem uma cultura enraizada, a prioridade é enaltecer essa cultura, esses saberes no produto. Então, o foco é esse, são as pessoas, ouvir as pessoas, captar destas pessoas todas essas características.

Entrevistada 02: E elas são inseridas no processo criativo com todo o respeito, ouvindo todas as técnicas que elas dominam, vendo, aprendendo mesmo com elas. É verdade, esse tipo de atuação é uma atuação de parceria, é uma cocriação que a gente chama. A gente está ali direcionando, mas a criação é coletiva, é de todo mundo ali.

Entrevistada 02: Então, dessa forma, todos os aspectos ambientais e culturais são inseridos, eles são necessários. A gente faz todo um levantamento, um diagnóstico prévio para entender e observar o que tem no lugar para poder trabalhar o produto considerando tudo isso. Dentro do projeto do Poloprobio, focando o látex, a borracha, a gente só atua em comunidades que tenham um histórico, uma tradição, uma tradição extrativista, ou seja, que elas tenham estradas de árvores de seringueira no seu entorno, no seu território.

Entrevistada 02: Mesmo que essa atividade esteja desativada, enfim, a proposta do projeto é reativar, recolocar os conhecimentos de extração sustentável, redirecionar nesse sentido. E aí a gente participa de uma sequência de capacitações.

Entrevistadora: Como são desenvolvidas as capacitações? Quem participa? Como é a mobilização local? São realizadas por grupo familiar ou comunitário?

Entrevistada 02: Eu digo que a minha capacitação é a última, porque antes de mim tem de duas a três capacitações que precisam ser realizadas.

Entrevistada 02: E a seleção das comunidades ela é feita pelo Poloprobio, mas existe uma conversa antes, saber se a comunidade tem interesse, tem toda uma conversa antes, decisões antes, saber como é que funciona, se é dentro de unidade de conservação, se tem que pedir licença aos órgãos ambientais. O projeto ele nunca chega em uma comunidade de surpresa, ele sempre trabalha com o diálogo, procurando conhecer, mostrando o que vai levar, quais são os benefícios. E as nossas capacitações sempre deixam no lugar, para as pessoas, todo um ferramental, uma quantidade de materiais, para que elas possam continuar trabalhando depois, para que não seja uma ação pontual e depois elas não consigam trabalhar.

Entrevistada 02: A mobilização, geralmente, esses lugares não pegam internet, não tem luz elétrica, ela é feita no boca a boca. As pessoas vão avisando umas às outras, falando o lugar onde vai acontecer, quem pode participar, fazendo os convites internos. Sempre a gente trabalha com... estabelecendo uma liderança, estabelecendo não, vendo quem é a liderança que vai ficar nesse contato, fazendo essa ponte até a realização.

Entrevistadora: Além do látex, quais outros materiais são aplicados? Como eles são coletados, produzidos ou adquiridos?

Entrevistada 02: No caso das biojóias, o material principal é a borracha, que é extraída lá, e por se tratar de um biomaterial que é o látex misturado com fibra vegetal, a gente trabalha com pó de serragem, que também é obtido na redondeza, que sempre tem uma serraria próxima. São recursos que tem ali, fáceis de encontrar, de eles trabalharem, não vão ficar dependendo da cidade. A única questão da biojóia é que a gente precisa de alguns aviamentos que dependem da cidade.

Entrevistada 02: No caso, a gente trabalha com algodão, com fio de algodão para fazer os fios, às vezes a gente trabalha com algum tecido de algodão pra fazer..., pra banhar no látex e fazer o tecido encauchado. As biojóias a gente usa base de brinco metálico, a gente não consegue

substituir ainda isso por nenhum outro material, então isso ainda é uma dependência. E a gente utiliza algumas tintas também.

Entrevistada 02: Esse material geralmente a gente leva em quantidade para que seja utilizado durante as capacitações e depois eles tenham ainda um saldo para ficar produzindo depois. Mas ai a gente ensina que vai vendendo as biojóias, mas vai guardando uma parte do dinheiro para poder repor, porque a gente não fica fornecendo isso o tempo todo. A gente encaminha, diz onde tem, se foi em Santarém, a gente diz onde tem, se tiver como... Às vezes essas pessoas que têm familiares que moram na cidade, a gente já passa o contato direto do fornecedor de São Paulo, às vezes daqui de Belém, dependendo da localidade do município.

Entrevistadora: Houve dificuldade de obtenção de materiais (látex ou outros) para a produção em alguma comunidade? Tem percebido algum efeito do processo de mudança climática nas comunidades que tenha afetado a produção?

Entrevistada 02: Sim, a dificuldade em obtenção da borracha, não pela falta de árvores, de seringueiras, digamos assim, mas em alguns lugares a extração do látex da seringueira, ele é suscetível a enchente avasante da maré durante seis meses, principalmente na região oeste. Fica muito difícil, fica meio que até paralisada a extração do látex no período da chuva, no período da enchente do rio, porque as estradas são alagadas e também a chuva, você não consegue extrair o látex que a chuva, digamos assim, agoa o látex que foi coletado na cumbuquinha. E na seca extrema, como a gente tem observado de uns anos para cá, também não é possível extrair o látex.

Entrevistada 02: Então, tem sim um período, um momento certo para extrair a borracha, então, é sazonal. As mudanças climáticas afetam, sim, diretamente as comunidades, o nosso trabalho também, porque a gente trabalha com comunidades ribeirinha, então, a gente depende também do rio para chegar nos lugares. Então, no período de seca, muita seca, a gente não consegue chegar em algumas comunidades.

Entrevistada 02: As embarcações maiores que levam passageiros não chegam. E aí também essa questão da produtividade da seringueira, para que a gente não prejudique ela, a gente tem que observar como tá, o tempo também, para não exaurir a seringueira. Isso também porque as seringueiras que a gente trabalha são seringueiras nativas, são seringueiras que fazem parte da floresta.

Entrevistada 02: Não é seringueira de plantação, enfileirada para a indústria, ela é a seringueira nativa que está no meio da floresta ali já há quase séculos, seringueiras seculares, com diâmetros enormes. Então, a gente trabalha com essas árvores nativas.

Entrevistadora: As comunidades em que você atua já tinham histórico de atividades com artesanato que contribuíram para a produção das biojóias e outros artesanatos relacionados?

Entrevistada 02: Alguma das comunidades que eu trabalhei com a capacitação das biojóias em borracha, elas já tinham histórico de produção artesanal com a fibra do Arumã, no caso, lá para o oeste do Pará.

Entrevistada 02: Mas a maioria assim já tinha recebido a capacitação para fazer as folhas maiores, decorativas, com a própria borracha, mas elas não tinham experiência de trabalhar com bijuteria, com biojóia, fazer colares, brincos, pulseira. Então, a gente teve que ensinar todas essas técnicas, desenvolver, inclusive, algumas ferramentas, ensiná-las a utilizar, mostrar como é a sequência produtiva.

Entrevistadora: Como é realizada a comercialização das biojóias produzidas nas comunidades?

Entrevistada 02: A comercialização é bem livre, inclusive.

Entrevistada 02: Quando a gente capacita as comunidades, elas têm liberdade para comercializar para quem elas quiserem. A gente leva uma pequena coleção para ensinar as técnicas, desenvolve novos produtos. E, assim, dependendo da cidade, do lugar, da proximidade com o lugar turístico, elas conseguem vender para lojas revenderem, conseguem vender diretamente para o turismo, para o turista através do turismo de experiência, porque, por exemplo, lá no oeste do Pará, algumas comunidades ficam muito perto de alter do chão.

Entrevistada 02: Então, na alta temporada, existe todo um translado de turismo de experiência nas próprias comunidades. Elas já expõem e comercializam diretamente. A outra opção também, elas podem abastecer a gente, a seiva, com alguns modelos.

Entrevistada 02: Nesse caso, eu já faço uma curadoria bem detalhada por conta do público que a gente atende, que é lojista, e a gente vende varejo em algumas feiras nacionais. Então, assim, tem algumas opções de comercialização. Algumas comunidades que elas são, não têm um ponto turístico de referência, principalmente as daqui do Marajó, que não é o Marajó turístico, como as comunidades de Anajás e Breves, elas comercializam localmente, abastecem a gente também da seiva, aí a gente incentiva muito que algumas pessoas do grupo que têm afinidade digital, elas passem a expor, a divulgar através das mídias sociais.

Entrevistada 02: E aí funciona, porque algumas delas me relataram que já pegaram pedidos de outros estados para mandar. Nessa parte de comercialização, realmente é o nosso desafio e é o trabalho da formiguinha mesmo. A gente vai, aos poucos, estabelecendo e firmando tanto o negócio que estou à frente quanto os negócios individuais de cada grupo que a gente incentiva que se mantenha independente.

Entrevistadora: Do início de sua atuação até o momento, quais os principais avanços que você percebeu? E quais as principais dificuldades?

Entrevistada 02: É assim o que a gente observou, essa nova geração de meninas, de mulheres principalmente, dos núcleos familiares, eles passaram a se interessar pela atividade, se identificaram com a produção dos acessórios, das biojóias, para uso próprio, para comercializar. Isso também, vamos dizer assim, que mexe com a autoestima delas, no sentido de que elas estão produzindo produtos que são desejáveis, que são ligados à moda, como assiste televisão, ver na internet. Elas se identificam com esse universo e veem na biojóia uma possibilidade de conexão.

Entrevistada 02: Passam a comercializar as peças com bastante orgulho, inclusive. E assim nesse sentido da geração de renda através do artesanato, a gente observa que elas vão conseguindo adquirir os seus bens, atendendo as suas necessidades pessoais, comprando as coisas para dentro de casa pra si, artesãs que vão juntando dinheiro para comprar uma rabeta, para ajeitar a casa, enfim, é complementação de renda. A gente entende que ainda não conseguimos manter essa atividade como a principal fonte de renda delas, mas é... a gente entende que, como eles são multi, as atividades deles são multi, são muitas, em determinado momento a extração de açaí, no outro, depende da localidade, lógico.

Entrevistada 02: No outro momento é o látex, porque são sazonais, são recursos sazonais. No outro momento é a pesca, no outro momento faz uma cestaria. Então, a produção da biojóia, a renda da biojóia entra como um a mais, como mais uma possibilidade de renda.

Entrevistada 02: E a gente observa que em alguns grupos que encararam esse negócio de uma forma mais séria, que já entenderam o potencial dessa atividade, a gente observa que elas estão mais atuantes, mais atuantes, logicamente, tão, realizando mais venda, tendo uma renda melhor. Se nós formos falar de dificuldades, assim a grande dificuldade, mas também que é o grande diferencial que a gente tomou para o nosso negócio, para este negócio, é a logística, a logística amazônica. Ela é desafiadora.

Entrevistada 02: O tempo que essa logística impõe, ela pode dar lógica do mercado. Então, essa é a nossa dificuldade, mas também é o nosso diferencial, porque a gente não faz só mais um acessório, só mais uma biojóia. A gente faz um produto amazônico que tem toda uma história, um jeito de ser amazônico, e dentro desse jeito de ser, dessa cultura amazônica, tem essa logística dos rios, que ela é imposta, muitas vezes, pela natureza, que é quando a maré está baixa, não entra, quando a maré está muito alta, não dá para atravessar, se está chovendo, não dá para coletar o látex.

Entrevistada 02: Então, essas situações são explicadas e agregadas no nosso produto. A gente faz questão de falar de tudo isso, porque é a nossa realidade. Então, a gente converte o que seria uma dificuldade num diferencial, que é a nossa realidade.

Entrevistada 02: Nesse sentido da logística, claramente, produzir na Amazônia é mais caro, porque a gente descentralizou, o nosso negócio é descentralizado, e é isso que a gente quer fazer. A gente quer que as pessoas produzam nas suas... nos seus lugares, que elas não sejam mais uma vir para a cidade para virar uma mão de obra barata. A gente quer que as pessoas tenham qualidade de vida nos seus lugares, nas suas comunidades, inclusive funcionando como um agente de proteção ambiental das suas seringueiras, do entorno das seringueiras.

Entrevistadora: Quais os principais impactos dessa atividade que você percebe nas comunidades e na vida das pessoas envolvidas? Além disso, você percebe alguma valorização ambiental?

Entrevistada 02: Essa atividade, a gente trabalha e percebe os impactos dela a médio e longo prazo, porque a gente vai trabalhando de uma.... não é um trabalho pontual que faz uma vez e vai embora e abandona todo mundo e deixa Deus dar a... A gente continua dando assistência, sempre que a gente consegue um recurso a gente volta na comunidade para fazer

um aprimoramento, uma capacitação avançada, para comprar uma ferramenta a mais, deixar com elas. Então, a gente vai observando o impacto que ocasiona. Isso é muito visível, inclusive, quando a gente consegue levar uma ou duas delas para participarem da comercialização diretamente nas feiras.

Entrevistada 02: Sempre que a gente consegue editar alguma coisa nesse sentido, a gente procura levar, porque essa experiência de... vivenciada por elas não tem preço. Como muda a visão de atendimento de cliente, de como o cliente aprecia e valoriza aquele trabalho, como o cliente agradece pela atuação como um agente de produção ambiental. Isso reforça dentro delas assim... a importância que esse trabalho tem, que ele vai muito além de fazer um artesanato, uma biju e um brinco.

Entrevistada 02: Ele é muito maior que isso. Quando elas conseguem entender e captar isso, é fundamental para elas atuarem como um agente ambiental. Agora lógico que tudo isso precisa de sustentação, porque todas as pessoas precisam viver, ter recurso para viver bem, pagar suas contas.

Entrevistada 02: A gente sabe que tem que monetizar a atividade para trazer retornos para elas, principalmente.